







batendo pasto

Maria Lúcia Alvim

Sumário

9 Os percursos de um livro inédito de Maria Lúcia Alvim

por Ricardo Domeneck

23 Maria Lúcia Alvim no rol do esquecimento: a vida e a vida da poesia

por Guilherme Gontijo Flores

37 êxtase

- 39 Pousa
- 40 Umbigo de bananeira
- 41 Mon coeur s'ouvre a ta voix
- 42 Morcegos
- 43 Manhã sem rusga
- 44 Curral
- 45 Sagrada rotina
- 46 Fiz menção
- 47 Amoitado em meu corpo
- 48 Figueira-brava
- 50 Meus olhos
- 51 Onda de capim-gordura
- 52 Língua
- 53 Passei o dia
- 54 Bacurau

- 55 O amor
56 É tarde carícia
57 Magia tuas setas
58 O amor do galo e da galinha
59 Imolava palavras
60 Aquele que um dia
62 Poesia
63 Inverno
64 Pleitear o mistério

65 coluna

- 67 Era uma tarde frese

69 mímese

- 71 Tenho um sinal de nascença
72 Não quero dominar a natureza
73 A obsessão estalava sobre a trempe

75 torrencial

- 77 Caçador de primaveras
78 Dentre vós desapareço

79 cinco sonetos encapuchados

- 83 do usufruto
84 cantiga de roda
85 de Clarice
86 do balaio de gato
87 do gato Lohengrin

89 litania da lua e do pavão

103 balaio de gato

- 105 Contravolta
- 106 Angelim
- 107 Arco de jenipapo
- 108 Seio
- 109 Lambujem
- 110 Letargia
- 111 Sucangá
- 112 Íngua
- 113 Baixio
- 114 Vento virado
- 115 Stella
- 116 Neste Natal
- 117 Ano Novo
- 118 Feixe
- 119 Cerração
- 120 Arroio
- 121 Drummondiana
- 122 Largo da ideia
- 123 Folha santa
- 124 Loçradouro

125 Um poema de Maria Lúcia Alvim

por Paulo Henriques Britto

135 Sobre a autora



Os percursos de um livro inédito de Maria Lúcia Alvim

Ricardo Domeneck

1. A descoberta do que estava na frente do nariz

Era noite em Berlim quando a mensagem de Guilherme Gontijo Flores chegou, perguntando se eu nalgum momento já escrevera sobre o trabalho de Maria Lúcia Alvim. Acreditava que o poeta e amigo de Curitiba havia se enganado, e estava se referindo à poeta Maria Ângela Alvim, que nos deixara belíssimos poemas de força mística no volume *Superfície* (1950) antes de sua morte prematura, e sobre a qual eu já escrevera um pequeno artigo para a revista *Modo de Usar & Co.*. Mas o colega não se enganara: tinha em mãos o volume *Vivenda* (1959–1989), sim, de Maria Lúcia Alvim, publicado pela lendária coleção Claro Enigma, dirigida por Augusto Massi na década de 1980 para a Livraria Duas Cidades. Foi assim, numa conversa pelas redes sociais, que nosso périplo em parceria começou pela recuperação crítica do trabalho dessa poeta mineira que o leitor ora tem em mãos. Nova e finalmente.

Alguém deveria estudar a terra de Minas Gerais, talvez os rios que por lá ainda restem, ou quem sabe apenas a terra e a água que se misturaram para formar o barro do filtro de barro de certa casa na cidade de Araxá. Ou apenas a água da qual beberam três poetas brasileiros importantes do pós-guerra, três irmãos: Maria Ângela Alvim (1926–1959), essa nossa Maria Lúcia Alvim (n. 1932) e o mais conhecido entre eles, Francisco Alvim (n. 1938). Os três Alvins de Araxá, como as três mulheres do comercial que seria imortalizado no poema de Manuel Bandeira. Porque logo no início de nossa pesquisa soubemos boquiabertos que sim, aquela casa gerara os três autores.

2. Possíveis razões para os silêncios

A coleção *Claro Enigma* teve um papel importante na recepção crítica de vários poetas brasileiros que haviam estreado entre as décadas de 1940 e 1960, e que hoje têm sua obra enfeixada em belas edições de poemas reunidos, como José Paulo Paes, Orides Fontela e Sebastião Uchoa Leite. Um par deles viria a ter papel crítico importante nas décadas seguintes, como Paulo Henriques Britto, Duda Machado e o próprio Francisco Alvim, o mais conhecido da família. Outros, no entanto,

inclassificáveis e pouco afeitos ao mundo das rodas literárias – como Maria Lúcia Alvim ou o também excelente Ronaldo Brito – teriam na coleção Claro Enigma suas últimas publicações.

São, de qualquer forma, todos poetas que não se encaixavam de forma confortável em uma única trincheira das batalhas duais que ocuparam a atenção crítica naquelas décadas, fosse entre a lealdade à experimentação ou à tradição, como entre o formalismo e o informalismo representados pelos poetas do Grupo Noigândres, das outras neovanguardas brasileiras do pós-guerra como o Grupo Neoconcreto e o da Poesia-Práxis, ou, do outro lado e tão distintos entre si, os autores do Grupo de 45 como do Grupo do Mimeógrafo. Que chance poderia ter um dos poetas que não se aliaram a qualquer desses grupos, suas ideologias estéticas, seus manifestos, e tampouco se enquadravam nos lugares-comuns da crítica que muitas vezes os descrevem para as facilitações dos manuais didáticos?

Muito disso advém de nossa historiografia literária, ciosa de estabelecer escolas e estilos específicos para cada época. Se se elege o anti-lirismo para tal década, caem pelas frinchas, direto para o esquecimento, todos os excelentes poetas líricos do período. Se se prefere a experimentação,

são apagados então os que se mantêm fiéis a alguma tradição. E para os que acreditam que a poesia só deve falar ao rés-do-chão do quotidiano, onde fala realmente melhor em certas ocasiões, convém-lhes, portanto, jamais mencionar os místicos, os visionários, os leve ou totalmente doidos, que nos transportam a outros lugares possíveis da fala, da existência nesse globo que tem seu chão duro, empírico, mas também seus mistérios.

Una a isso o desequilíbrio de atenção crítica às tradições poéticas de diversas regiões do país, o racismo estrutural do setor cultural brasileiro – que silencia outros poetas ativos nesse mesmo período, como Adão Ventura e Paulo Colina, a marginalização da escrita de mulheres no cânone, o pavor do não-típico, e eis nossa tragédia cultural contínua, de um país que não se cansa de desperdiçar seus poetas, tantas vezes alguns de seus melhores.

3. A poesia brasileira, baú de espantos escondidos

Pois qual explicação podemos dar para que este *Batendo pasto*, escrito em 1982, seja o primeiro inédito de Maria Lúcia Alvim em quarenta anos? Como passamos quatro décadas sem o trabalho de uma de nossas excelentes poetas

do pós-guerra, com uma obra múltipla, que passa pela tradição do soneto, pela experimentação com a fala do cotidiano, com o minimalismo de seus epigramas, e ainda o caudaloso histórico de tantos poemas daquela obra-prima que é o *Romanceiro de Dona Beja* (1979)? Certamente haverá também questões pessoais da própria poeta, motivos que talvez tenham influenciado para seu silêncio de tantos anos. Mas é raro que poetas escolham pacificamente o silêncio.

O que sabemos, aqui está: Maria Lúcia Alvim nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1932. Sua estreia em livro veio em 1959, com o livro *XX Sonetos*. Quase dez anos se passaram antes que viessem a lume dois outros livros: *Coração incólume* e *Pose*, ambos em 1968. Entre 1965 e 1975, a autora trabalhou no *Romanceiro de Dona Beja*, um livro único na poesia das últimas décadas, lançado em setembro de 1979 na Livraria Muro, no Rio de Janeiro. Um paralelo raro a outro grande livro da nossa poesia moderna, que parte também de certa tradição tão portuguesa quanto mineira: o *Romanceiro da Inconfidência* (1953) de Cecília Meireles. Apenas um ano mais tarde, Maria Lúcia Alvim lançou *A Rosa Malhada* (1980), sua última publicação de inéditos. Todos

esses livros seriam reunidos então no volume *Vivenda (1959–1989)*, o qual, apesar da data, não trazia poemas escritos após o ano de 1980.

4. Relato de uma viagem

Portanto, quarenta anos depois, a publicação desse *Batendo pasto* é um acontecimento e um pequeno milagre nesse ano em que estamos tão necessitados de milágres. E poderia facilmente não ter acontecido. Explico-me. Após a descoberta de seu trabalho, Guilherme Gontijo Flores e eu nos pusemos a buscar informações sobre a poeta. Estava viva? Ainda produzia? Descobrimos que vivia em Juiz de Fora, e para lá me dirigi em fevereiro desse 2020 para encontrá-la. Lá conheci uma mulher forte, ainda que fragilizada pela idade, ciente da qualidade de seu trabalho, mas dizendo que há mais de uma década não escrevia. Conversamos sobre poetas com quem ela mantinha laços de amizade e respeito, como Edimilson de Almeida Pereira e Paulo Henriques Britto, sobre sua vida na metrópole do Rio de Janeiro como na calmaria ensolarada do campo em uma fazenda da família, e, nos últimos anos, na Juiz de Fora pela qual ela não parecia ter especial apreço.

No início de março organizamos no Rio de Janeiro uma homenagem a ela, à qual ela pôde comparecer, na Livraria da Travessa em Botafogo. Paulo Henriques Britto, Celia Pedrosa, Rita Isadora Pessoa, Anelise Freitas, Leonardo Marona e eu lemos poemas de *Vivenda*. Em gravação, Guilherme Gontijo Flores leu também um poema, e, em vídeo da Catatau Filmes, estreamos a canção “Relicário negro”, de Francisco Bley, sobre o poema do livro *A rosa malvada*.

Foi nessa noite que Paulo Henriques Britto me contou ter em mãos um inédito de Maria Lúcia Alvim, esse *Batendo pasto*. Escrito em 1982 na Fazenda do Pontal em Minas Gerais, o livro vem marcado por um vocabulário do campo, da vida específica que lá se desenrola unindo os ritmos das refeições ao das colheitas, dos seres humanos a outras espécies que com eles habitam tais espaços: vacas, cavalos. Mas o livro não celebra qualquer utilitarismo comercial: tudo é digno, tudo vive e compartilha espaço e seu oxigênio, os morcegos, as galinhas e os pavões, os gatos e as moscas, ou, no Reino Vegetal, tanto o arroz como o capim. Essa é uma das grandes belezas do livro, que marcará a mescla de registros ao longo dos

poemas, nos quais a palavra precisa por vezes requer a pobreza, por vezes a riqueza.

Maria Lúcia Alvim confiara a Paulo Henriques Britto o manuscrito de *Batendo pasto* com as instruções de que fosse publicado apenas após a sua morte. É difícil não ler em tal decisão parte da desilusão de uma grande autora que jamais recebeu a atenção que merecia. Portanto, é mais do que hora de acabarmos com esses desperdícios de poetas, com essa espécie de necrofilia que leva tantos autores a receberem atenção apenas por 24 horas nas redes sociais após suas mortes. Então vêm as elegias, as declarações de tristeza perante os maus tratos críticos, o silêncio, a nossa desatenção. Por quê?, alguém poderia perguntar. Minha única resposta é a crença inabalável naquilo que William Carlos Williams descreveu tão bem nos versos: “*It is difficult / to get the news from poems / yet men die miserably every day / for lack / of what is found there.*” [É difícil / obter de poemas as notícias / mas homens morrem miseravelmente todos os dias / por falta / do que ali é encontrado].

É então em nome do fim do desperdício, e por uma vida comunitária menos miserável, que buscamos convencer Maria Lúcia Alvim a confiar sim este livro

em vida aos leitores brasileiros, nesse volume que nos alegrou tanto ler e ver agora diagramado e editado tão bonitamente pela Relicário Edições.

5. Compartilhar o oxigênio

E assim Maria Lúcia Alvim volta a ser nossa contemporânea. Será trabalho de biógrafos apontar as veredas pelas quais migrou nesses anos de silêncio. Esperamos que de seu baú de belezas escondidas surjam ainda outras dádivas. Como será recebida? Parece-me claro que a percepção em torno da poesia brasileira transformou-se muito nas duas últimas décadas. Vários poetas líricos de força saíram da sombra, como Roberto Piva e Hilda Hilst, autores que também foram silenciados e desperdiçados por muito tempo. Em termos historiográficos, seu trabalho apresentará os desafios críticos daqueles que não se encaixam em gavetas. Sua estreia com um livro de sonetos se deu em um momento no qual a poesia brasileira era chacoalhada pela Poesia Concreta. Ela retorna ao cenário quando a atenção crítica parecia voltada para o Tropicalismo. E ao publicar um livro sofisticado como o *Romanceiro de Dona Beja*, começava a retornar à cena o humor cotidiano e a linguagem direta do Grupo do Mimeógrafo.

Sua poesia exige dos críticos um olhar mais amplo para a produção poética do pós-guerra, para a multiplicidade de estéticas operantes nas últimas décadas. Nessa multiplicidade reside a força das culturas brasileiras resistentes.

Esse *Batendo pasto*, por fim, traz seus próprios desafios. Escrito em 1982, mas só publicado neste ano de 2020, insere-se onde no debate? Essa é sempre a beleza excitante de qualquer livro marcante de poesia: sua flexibilidade histórica, a forma como é, ao mesmo tempo, tanto do momento em que foi composto quanto do momento em que é lido. Seu tortuoso percurso de publicação escancara e revela ainda mais essa elasticidade contextual da grande poesia. É um livro dos anos 80 do século passado e um livro dos anos 20 deste século. Os que acreditam nos desígnios misteriosos do mundo poderão dizer desse *Batendo pasto*: chegou quando dele precisávamos. Fecho os olhos e digo sim. Como escreveu Kierkegaard, a fé é um salto no escuro. E este livro vem marcado por uma força mística incomum entre nós. Pois há toda uma tradição milenar de evocação de unidade com a vida e seus mistérios na potência lapidar de tantos versos deste livro, como

nesses que me marcaram tanto: “ó ser astral / o capim é minha grande reserva interior.”

Evoco isso com um interesse particular: propor um possível caminho crítico e historiográfico. Porque esse livro se inseriu também em minha mente no rol de alguns trabalhos específicos daqueles anos, publicados numa década turbulenta. A cultura brasileira oficial tentava se recuperar de anos de estreitamento advindo da perseguição e censura da Ditadura Militar, e a crítica pareceu manter sua atenção naqueles que tiveram seus caminhos transformados e podados pelo Regime, como os Tropicalistas ou os autores que buscaram dar uma resposta política em seus trabalhos para aqueles anos, em especial na prosa, mas também num grande texto poético como o *Poema sujo* (1976), de Ferreira Gullar. Alguns poetas surgidos naquela década têm se afirmado com força no cenário nacional, poetas tão diferentes entre si quanto Paulo Henriques Britto e Edimilson de Almeida Pereira, e a historiografia literária privilegia, ao discutir a década, o trabalho de certos autores ligados ao Grupo do Mimeógrafo, como Ana Cristina Cesar, ou à contracultura em geral, como Waly Salomão e Paulo Leminski. São todos autores incontornáveis.

Mas eu penso aqui em alguns livros que surgiram subterrâneos, trabalhos de maturidade de autores que vinham publicando desde as décadas de 1950 e 1960, muitas vezes ignorados pela grande imprensa. São, para mim, como a grande reserva interior de capim à qual se refere Maria Lúcia Alvim neste livro. Trabalhos que me parecem pequenos milagres de força mística naquela década de hiperinflação e troca-troca de moedas nacionais e Ministros da Fazenda. Livros como *Da morte: odes mínimas* (1980), de Hilda Hilst; *Asmas* (1982), de Ronaldo Brito; *Alba* (1983), de Orides Fontela; *Caminho de Marahu* (1983), de Max Martins; *Assim* (1986), de Leonardo Fróes; ou *O pelicano* (1987), de Adélia Prado. E também *A rosa malvada* (1980), de Maria Lúcia Alvim, assim como este *Batendo pasto*. Ao pensar no que se convencionava ver como a cultura brasileira oficial na década de 80 do século passado, esses livros se me afiguram como pequenos artefatos milagrosos de reserva interior.

Trata-se de uma década particularmente espinhosa para a crítica, e que requer atenção ampla imediata, de olhos abertos, para dar conta também de outras produções que não têm se encaixado na

gaveta da época, como a melhor produção naqueles anos de poetas como Adão Ventura, Horácio Costa, Beatriz Nascimento e Paulo Colina. Eu creio que haja valor nessa meditação. E que precisamos urgentemente do que nos ofertaram todos estes poetas, para morrermos menos miseráveis.

Agora, querido leitor, vá bater pasto.

Berlim, julho de 2020



Maria Lúcia Alvim no rol do esquecimento: a vida e a vida da poesia

Guilherme Gontijo Flores

Algumas famílias nos pasmam. Veja esta Alvim: gerou o mais reconhecido, Francisco (1938–), a irmã mais velha Maria Ângela (1926–1959), de circulação mais restrita, e deu à luz também Maria Lúcia Alvim (1932–), essa poeta impressionante, versátil, tesa, pontilhista, de virtuoso domínio técnico (passando pelo haiku à la Guilherme de Almeida, o soneto na melhor estirpe de Jorge de Lima, o rondó renascentista, a sextina enxuta, o verso livre etc.), derivas metafísicas tensas e sutis, a colagem, o poema-piada, o experimento visual etc. Descobri essa poesia um tanto ao acaso, há não muito tempo, para logo perceber que estava, sem dúvida, diante de uma das maiores poetisas brasileiras em atividade nos últimos 60 anos, porém muito menos lembrada e editada do que seria de esperar. Com meia dúzia de livros, em geral todos curtos, ela foi capaz de operar um aprofundamento subjetivo que deixa no chão a maior parte da geração de 45 e, ao mesmo tempo, uma fusão entre voz lírica e a construção de

personagens variados, tudo isso com um domínio singularíssimo de sonoridades múltiplas (da melopeia camoniana aos ruídos mais nervosos) e o desenvolvimento de imagens e conceitos agudos – coisa um tanto rara nestas terras – que vão construindo uma imagem de afetos tensos, cortantes, contraditórios, que nos dominam e espantam.

Quando li os poemas, fui atrás de mais informações sobre a poeta, porém a sua reunião de poesia, *Vivenda*, publicada pela coleção Claro Enigma em 1989, nos dizia apenas o seguinte: “Nasceu a 4 de outubro de 1932 na cidade mineira de Araxá. Autodidata, abandona a escola para se dedicar exclusivamente à poesia e à pintura. Realiza exposições de artes plásticas e publicou cinco livros de poesia. Atualmente divide seu tempo entre a cidade do Rio de Janeiro e uma fazenda no interior do estado”. Fazendo uma pequena pesquisa pessoal, consegui confirmar que Maria Lúcia estava viva e forte em Juiz de Fora, ela, ali reclusa há bons anos, talvez a poeta mais vigorosa dessa família de poetas absurdos. Decidi preparar uma pequena antologia online para tentar revigorar sua imagem e a leitura de sua poesia no comecinho de 2020, por isso fiz a maior compilação online que pude conseguir; afinal, não é

possível que estejamos vivendo há mais de 30 anos sem nova edição da poesia de Maria Lúcia Alvim, sem um só poema inédito.

Que desfavor para a língua não seria continuar vivendo sem os *XX Sonetos* (1959) com sabor de Sá de Miranda e Mário de Sá-Carneiro, com sua metafísica de sujeito cindido, sua homenagem à irmã suicida, na peça “XVII”? Que delírio triste não seria viver sem os jogos ágeis pré-lemniskianos de *Pose* (1968), e seu modo fotográfico-reflexivo, como em “Mágico desafio”? Que perda de rigor do pensamento não seria restar sem a construção dissonante e cristalina do magistral *Romanceiro de Dona Beja* (1979), que ora tensiona Cabral (“O fim do quilombo do Tengo-Tengo”), ora Cecília (“Rondó da desilusão”), ora Drummond (o sutilíssimo “Lúcida rendição”), para construir talvez o nosso maior poema épico da segunda metade do século XX em chave fragmentária, pelo tom menor da vida nos interiores? Que força de riso não perderíamos sem os pastiches seríssimos e multilíngues de *A rosa malvada* (1980), como aquela série dedicada ao irmão Chico Alvim, ou a pérola de “Num átimo de amor”, ou o resultado complexo e refinado que emerge a partir das rimas banais

de “Somatização do soneto”? Que sutileza não aprenderíamos sem as potências concretas, entre o sublime e o irônico, de *Coração incólume* (1968), como em “Cartão postal”, para ficar num só exemplo? E mais, não podíamos estar há quarenta anos sem poemas novos dessa mulher. Onde o baú, onde o borralho do que ela andou fazendo, se estava viva, sem nos mostrar?

É importante ao menos fazer referência, ainda que rápida, a trabalhos que já foram feitos, porque todo empenho de resgate ou de afirmação da força dessas obras acaba por descobrir uma linha anterior, mesmo que rarefeita. Em primeiro lugar, a antologia *Roteiro da poesia brasileira: anos 50*, organizada por André Seffrin, apresentou poemas de Maria Lúcia Alvim junto com vários outros poetas; houve também uma reedição de *XX Sonetos* publicada em 2011, sem muito alarde, pela editora Bem-te-vi, até segunda ordem o único livro que parece ter sido reeditado, fora a reunião de *Vivenda*, de 1989. Em 2012 Max de Carvalho traduziu o poema “Estância” para a imensa antologia bilíngue publicada na França, *La poésie du Brésil: anthologie du XVIe au XXe siècle*; no mesmo ano, no Brasil, Maria Lúcia Alvim também aparece na antologia *Escritoras*

de ontem e hoje. Há ainda alguns trabalhos acadêmicos que se debruçaram sobre os poemas; o mais relevante é a dissertação de Juliana Veloso Mendes de Freitas, *A narrativa histórica na poesia de Maria Lúcia Alvim: Romanceiro de Dona Beja*, de 2015, único exemplar mais alentado de que tomei conhecimento. Porém há também os artigos “Arcanos e exílio na poesia de Ma. L. Alvim e Roberval Pereyra”, de Pablo Simpson, publicado em 2004, e “Reflexões sobre o poema XX Sonetos, de Maria Lúcia Alvim”, de Sandra Araújo de Lima, que saiu em 2007. Por fim, temos o texto “Maria Lúcia Alvim: o melancólico canto da Juriti”, de Kelen Benfenatti Paiva, uma espécie de apresentação da autora na antologia *Escritoras de ontem e hoje*, de 2012. Não consegui encontrar mais nada além disso: melhor que nada, sim, porém muito pouco diante de uma poeta dessas.

Afirmei então e aqui repito: estamos diante de um caso que merece revisão imediata, dessa poesia que, por ter se aproximado muito da Geração de 45, foi de pronto dispensada pelo rolo concretista nos anos 50 e, logo depois, pela demanda do estritamente coloquial dos anos 60–80. Isto não é uma crítica direta aos poetas envolvidos em cada

época: por certo, cada um tentava fazer a poesia em que acreditava; porém é um aviso sim contra uma certa preguiça crítica no país, que costuma comprar muito fácil as narrativas estreitas dos embates poéticos em curso, sem abrir a paisagem para as muitas outras vozes. Vejam que continuamos em silêncio quase total sobre as obras de Regina Célia Colônia (há tempos Colônia-Willner), de Paulo Colina, de Adão Ventura e de alguns outros, que seguem com pouca ou nenhuma edição, recebendo poucos estudos e leituras. A perda não é deles, mas nossa, que deixamos a potência da língua funcionar apenas em parte. No caso de Maria Lúcia Alvim, creio que, ao somar tantas frentes diversas e ao mesmo tempo refinadas, a sua poesia é precisamente o que uma recusa da voz única pode oferecer como poética e ética.

Vejo hoje a alegria que isso pôde e pode render: a poesia, quando é de qualidade tremenda e impac-tante, só precisa de espaço; porque o resto é sua força nas leitoras e leitores, sua potência de troca e reconfiguração do sensível. Penso que Maria Lúcia Alvim só não estava já no centro dos nossos debates sobre poesia feita no Brasil porque foi avessa às rodas da tal vida literária. Resguardada, como outro gênio – dessa vez, Leonardo Fróes

– foi ficando de lado, porque a academia e as rodas dos contemporâneos se voltam, um tanto cega e exageradamente, para as grandes cidades, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo. Para se ter uma ideia, à época não consegui nem uma imagem digital da poeta, e só uns pouquíssimos poemas transcritos na rede, como o que está no site do Antônio Miranda. Ao ver esse trabalho, Ricardo Domeneck imediatamente percebeu o tamanho da perda histórica que foi o obscurecimento dessa poesia, e encampou sem demora uma série de conversas, um evento de homenagem e outros contatos. Felizmente, graças à gentileza de alguns poetas, como Edimilson de Almeida Pereira, Prisca Agustoni, Marília Garcia, Paulo Henriques Britto e outros, pudemos descobrir Maria Lúcia, ver fotos e descobrir este livro inédito, que estava com o Britto e foi transcrito pelo Ricardo.

Batendo pasto é tudo que já havia de versatilidade, vigor e experimento, porém ampliado: é litania delirante e apego à palavra justa a um só tempo, como vemos no alucinante “Litania da Lua e do Pavão”, como que fundindo contraditórios. É tradição lírica-amorosa, como em “O amor / soltou do meu corpo” e erótica, como em “Seio”.

É um olho arregalado nos experimentos formais das vanguardas urbanas do século XX (estética do fragmento, cortes abruptos, sintaxes fraturadas etc.) e uma imersão de vida no mundo rural, no gosto de suas palavras, nos contornos e contorcionismos desta língua em muitas línguas, como em “A obsessão estalava sobre a trempe”, para ficarmos em apenas um exemplo. É também o multilinguismo com inglês e francês, que já havia se talhado nos livros anteriores e aparece desde o primeiro poema aqui. É a metapoesia opaca e provocadora, como em “P o e s i a”, a revisita muito singular a Emily Dickinson, como em toda a série “Torrencial”, a retomada sempre virtuose dos sonetos (“Eu era assim no dia dos meus anos” é um caso impressionante de simplicidade e sofisticação na antirrima sistemática vinculada aos modos de ser no tempo) e o aforismo certo (veja-se o poema “Análim”, com apenas o verso “O carinho é um outro caminho do corpo”). Enfim, o movimento entre o riso, ora desbragado (como em “Íngua” e “Stella”), ora contido e sarcástico, e o pensamento rigoroso (“Era uma tarde frese, empelicada”). Não é nenhum exagero afirmar que *Batendo pasto* reúne e depura o que havia de melhor na poesia dos anos 1980 e que,

mesmo inédito por mais de trinta anos, sai agora com a força de um livro escrito na semana passada. Maria Lúcia Alvim está vivíssima, resta um público leitor igualmente vivo.